

## **A SAGA DOS BEM-TE-VIS: UM PASSEIO POR SÃO CRISTÓVÃO POÉTICA E XILOGRAVADA**

Magno Santos<sup>1</sup>

Na minha infância, eram corriqueiras as conversas familiares no entardecer, na hora da refeição ou nas farinhadas. Tratava-se de momentos únicos na transmissão dos saberes, pois os avós e pais narravam suas aventuras, reproduziam com encanto as lendas e os mistérios do mundo rural. Saudosismo a parte, foi em uma dessas ocasiões que ouvi falar da estória da sagrada família em fuga das tropas de Herodes. De acordo com essas frágeis lembranças, após o nascimento de Jesus, a sagrada família fugia e se escondia dos soldados temendo o assassinato do Menino Deus. Nessas fugas, duas aves os acompanhavam: uma andorinha e um bem-te-vi. A andorinha seguia o jumentinho, apagando os rastros da caminhada, dizendo: “fogo pagou, por aqui não passou”. Na sequência, vinha o bem-te-vi, falastrão: “Olhe que eu vi”.

Essa narrativa reproduzida dramaticamente para as crianças de outrora, era uma justificativa para a sacralidade da andorinha e a maldição do bem-te-vi. Contudo, podemos buscar um elemento que extrapola o nível do sagrado, que é a questão da memória. O bem-te-vi, com esse episódio teria perdido a proteção humana, mas revelou um ato de fundamental importância para o mundo ocidental: a capacidade de lembrar e, principalmente, a sagacidade de testemunhar. Trata-se de um dos pilares da escrita da história nos moldes pensados na cultura greco-romana. Por isso, a traição sagrada, tão reproduzida nos tempos de tortura, pode ser relativizada ou até mesmo redimida com a percepção de sua perspectiva de testemunha de seu tempo.

É exclusivamente por essa vertente que vejo uma aproximação entre a ave mítica e dois artistas que publicaram a inspiradora “São Cristóvão, poética e xilogravada”. Thiago Fragata e Nivaldo Oliveira,

---

<sup>1</sup> Doutor em História pela UFF. Professor do Departamento de História da UFRN.

uniram forças e talento para produzir uma obra concebida como um testemunho de sua época, um passeio revelador das práticas cotidianas e exuberantes da antiga capital sergipana. O verbo, cadente e denunciante, se materializa e revela-se em imagens fortes e firmes, com as xilogravuras do artista que se integrou a alma da velha cidade.

A cooperação entre os dois artistas, por vezes, nos remete a episódios icônicos da experiência historiográfica nacional, entre as quais a exitosa viagem, realizada nos idos de 1917, do historiador Rocha Pombo e do artista Galdino Guttmann Bicho pelo norte do Brasil, no processo de feitura de um livro de história pátria. Ao contrário dos intelectuais pretéritos, Thiago Fragata e Nivaldo Lima não se deslocaram, virando-se de costas para seu torrão natal. Com perspicácia e técnicas artistas diferenciadas, os artistas olharam para as cenas do cotidiano. Reviraram suas memórias, como quem lida com um baú e estranha seu próprio acervo.

São Cristóvão, poética e xilogravada, é, acima de tudo, um registro de um olhar entrecruzado, ou seja, o que foi visto e vivido no tempo presente, sentido no presente próximo das reminiscências da infância ou do pretérito longínquo, lido nos cronistas da terra. Os olhares, além de revelarem as cenas vivenciadas, denunciarem as questões coloquiais de uma cidade pacata que se reinventa em suas festas e tradições; expressam o posicionamento de quem olha. O olho do artista plástico revelado nas gravuras registradas a altura do povo, como nas gravuras “Procissão”, “Aguadeiro” e “Vendedor de peixe”. O restaurador emerge entre as camadas populares, entre os atores do folclore e das celebrações populares.

Por sua vez, o “Poeta das ladeiras”, mostra-se em oscilação nas suas reminiscências literárias, pois por vezes emerge entre os atores sócias das ruas estreitas da cidade, como ocorre na empolgante poesia “Muqueca” e em outros momentos pinta um cenário que denuncia o seu apurado ângulo de percepção, como “Um quadro no Museu”, expressivo olhar do diretor do Museu Histórico de Sergipe que via o seu lugar de

trabalho como a moldura de uma obra de arte que é patrimônio cultural da Humanidade.

No passar das páginas, de excelente qualidade gráfica, percebe-se que o poeta mostra-se como um cicerone, o guia que apresenta a nostálgica São Cristóvão, “cidade minha, metáfora de todos” (FRAGATA, 2015, p. 11). A urbes é tida como a “cidade-poesia” ou “doce cidade”, com suas castanhas carameladas, barquinhos confeitados, queijadas e má-casados. Cidade dos sabores. Contudo, a cidade se revela como o centro da Misericórdia, na qual:

“Tem a saga do nazareno  
Cidade vestuta, de portas pesadas  
Barroca pela própria natureza:  
Pedras, cruces, promessas  
Misericórdia!  
Procissão e alarido, sedentas bocas  
Silêncio para o sermão de Barroso  
Ecos, flertes, suor e cabelo queimado” (FRAGATA, 2015, p. 29).

É a cidade das ladeiras, na qual “certeza, a ladeira da Prefeitura é a maior de todas, faz romeiro desistir das promessas... E subir o Cristo!” (FRAGATA, 2015, p. 35). Contudo, essas ladeiras não impede o cicerone de palmilhar as ruas estreitas da capital de outrora.

“Senhor dos Passos, no Alto da Favela  
Guia dos meus passos  
Águia de vôos rasos  
Benvindo, romeiro de túnica e laço  
Itabaiana, Itabaianinha, Lagarto  
Sigo você ao Convento do Carmo (FRAGATA, 2015, p. 37).

Com o sancristovense penitente, busca sem êxito “um Cirineu para dividir o andor. É muita dor” (FRAGATA, 2015, p. 63). Mergulha nas dores do passado, com perda do título de capital, com a esperança inglória, pois “Dias de glória esperam nosotros espartanos. E, se não acontece o milagre de Passos, somos homens de pouca fé” (FRAGATA, 2015, p. 65). Por isso, do Museu, ele acompanha o Senhor dos Passos em todos os seus passos:

Um passo, sete passos  
Compassado  
Os passos, os romeiros  
Passaram cantando pela janela do sobrado  
Eram pássaros trinados  
Eram canoros, num era o besouro  
Zunindo sobre as cabeças (FRAGATA, 2015, p. 67).

Com isso, o cicerone junta-se ao romeiro, faz a “Promessa de Gregório” e diz:

“Senhor dos Passos, perdoe  
pequei no carnaval (...),  
dos sete pecados vezes sete  
por causa da festa momesca”.

Caminha e retorna ao Convento do Carmo e liberta a imaginação:

“Todo ex-voto guarda o milagre  
Mistério, um segredo  
Revela o nome do santo  
Imaginamos a graça  
Do promesseiro  
O ex-voto desafia  
A imaginação alheia  
Não é o mistério da fé  
A graça vencendo a desgraça (FRAGATA, 2015, p. 69).

Na obra, tão vistosa e igualmente sonora, a graça do olhar sobre a vestuta capital vence por completo a desgraça do desânimo pela perda do título que outrora ostentava, das mazelas políticas vivenciadas no presente e, quem sabe, até mesmo das denúncias heréticas do bem-te-vi nos tempos míticos. Desse modo, pode-se inferir que “São Cristóvão poética e xilogravada” nasce como um valioso testemunho de seu tempo e cobre a função de grande beleza e encanto, do regenerado canto do bem-te-vi. É uma obra para ser lida, vista e sentida, pois nos remete as coisas do nosso povo. Usando do trocadilho, é uma fragata que vale a pena ser navegada.